

Luiz Fernando R. Lopes

Instituto Federal de Brasília,
Brasília, DF, Brasil.
luizfernando_rl@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4391-9300>

Para além dos dados fiscais: o registro de um drama familiar em um documento da Coleção Casa dos Contos

Beyond Fiscal Data: the Record of a Family Drama in a Document From Coleção Casa dos Contos

Resumo: A documentação da Coleção Casa dos Contos é rica fonte de informações de natureza fiscal amplamente consultadas por historiadores interessados em produzir trabalhos de história econômica e administrativa. O que se propõe com a transcrição aqui apresentada é demonstrar, por meio de uma singular correspondência de prestação de contas, que o vigor informativo dos manuscritos deste fundo documental permeia, mas também transpõe, os interesses de pesquisadores da história econômica, demográfica e fiscal do Brasil.

Palavras-chave: Documentação fiscal; Correspondências; Coleção Casa dos Contos.

Abstract: The documentation of the Coleção Casa dos Contos is a rich source of tax information widely consulted by historians interested in producing works of economic and administrative history. What is proposed with the transcript presented here is to demonstrate, by means of a unique accountability correspondence, that the richness of information of the manuscripts of this document collection not only permeates, but also transposes, the interests of researchers in the economic, demographic and fiscal history of Brazil.

Keywords: Fiscal documentation; Letters; Coleção Casa dos Contos.

Usualmente, os documentos produzidos pela administração fazendária em diferentes repartições fiscais do Brasil colonial são ricas fontes de informações amplamente consultadas por pesquisadores interessados em produzir trabalhos de história econômica e administrativa¹. Estas tipologias documentais são parte fundamental na lida investigativa de historiadores que buscam identificar e caracterizar, por vezes em dimensão serial, os diferentes fluxos financeiros de uma dada região, a natureza da receita de determinada praça mercantil, a intensidade e o vigor econômico das rotas comerciais, o sistema de preços de um período específico ou, ainda, o perfil e a especialização econômica de circuitos mercantis. Vale também sublinhar o emprego desta documentação em trabalhos de história social, em que se destacam os usos na identificação de redes de indivíduos que arrematavam contratos de cobranças de impostos e que ocupavam posições de autoridade fiscal. Em suma, fontes desta natureza oferecem nomes e números que permitem aos investigadores identificar e analisar aspectos da história da economia colonial.

O manuscrito que aqui apresento faz parte do conjunto documental da *Coleção Casa dos Contos*, composta por acervos dispersos pelo Arquivo Nacional, Arquivo Público Mineiro e Biblioteca Nacional. Trata-se do mais volumoso *corpus* documental de registros fazendários da história brasileira, cobrindo o arco temporal que vai de 1700 a 1891². A coleção é composta por livros de registros de receitas e despesas do aparato fiscal, além de correspondências de prestação de contas referentes às atuais regiões Sudeste e Centro-oeste do Brasil. No total são mais de 5 mil códices e cerca de 100 mil documentos avulsos distribuídos por mais de 500 caixas, que nos últimos 15 anos têm passado por processos de higienização, catalogação e digitalização de seus fundos para consulta na internet por meio dos domínios digitais da Biblioteca Nacional e do Arquivo Público Mineiro³. Entre séries e subséries documentais da Coleção, constam registros de confiscos, dízimos, entradas, subsídio literário, décima predial, dentre outras tipologias.⁴

¹ Agradeço a Marco Antônio Silveira pelas dicas de análise e transcrição e a Ângelo Alves Carrara, que me incentivou a produzir este texto e a publicar este documento com o qual tive contato durante minha pesquisa de doutoramento.

² Caio César Boschi, Carmen Moreno e Luciano Figueiredo. *Inventário da Coleção Casa dos Contos: livros, 1700-1891*. Belo Horizonte: PUC Minas; FAPEMIG, 2006. 560 p.

³ Para mais informações ver: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/02/bn-digital-disponibiliza-12-mil-documentos-colecao>. Acesso em 15 de maio 2020.

⁴ Ângelo A. Carrara *A real fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (volume 1). Ouro Preto: UFOP, 2003. O mesmo autor

Luciano Raposo de A. Figueiredo, em artigo publicado em 2006, já chamava a atenção para o grande potencial de uso destas fontes⁵. Naquele momento, Figueiredo, que atuava na linha de frente de diferentes projetos de pesquisa que promoviam a organização do acervo dos documentos avulsos da Coleção, destacava algumas preciosidades possíveis de serem encontradas: dados a respeito de subsídio de carnes e aguardentes, sobre remessas de ouro em pó, autos de confisco, aluguel de escravos e folha de pagamento de funcionários da capitania eram algumas dentre um sem número de fontes que poderiam atender a muitos interesses de pesquisa.

O documento transcrito a seguir corresponde a um dos avulsos depositados na Coleção. Trata-se de uma carta redigida no ano de 1777 por Manuel do Vale Amado, tenente-coronel então responsável pela arrecadação dos tributos cobrados no Registro do Caminho Novo, na capitania de Minas Gerais⁶. Os registros fiscais funcionavam como postos de alfândega e ficavam em locais estratégicos das estradas coloniais, quase sempre nas fronteiras das capitanias, travessias de rios e circuitos comerciais mais movimentados. Nestas paragens eram cobrados impostos sobre pessoas e mercadorias e, portanto, os encarregados de realizarem as cobranças e o controle da passagem deveriam ser pessoas de reconhecida autoridade local, conhecedores dos caminhos, possuir alguma força armada à sua disposição, além de obrigatoriamente residirem no território em que atuavam⁷. Manuel do Vale Amado era um dos maiores potentados da região e desempenharia importantes funções no controle do registro fiscal mais rendoso do Brasil, cuja a arrecadação se beneficiava pelo posicionamento estratégico na principal rota comercial entre Minas Gerais e o Atlântico.

A correspondência escrita pelo tenente-coronel era endereçada ao seu superior, o tenente Domingos José Gomes, administrador do Registro do Caminho Novo naquele momento. Gomes era primo e sócio de João

publicaria ainda o volume 2, em 2005, e o volume 3, em 2010, deste valioso instrumento de pesquisa.

⁵ Luciano Raposo de A. Figueiredo. "Casa dos Contos: potencialidades de pesquisa". In: *Anais do XII Seminário sobre economia mineira - CEDEPLAR*. Diamantina, 2006.

⁶ Manuel do Vale Amado. [Carta a Domingos José Gomes comunicando a morte de sua esposa, e tratando sobre o rendimento do mês de [janeiro] no registro do Caminho Novo]. Registro do Caminho Novo [manuscrito]: [s.n.], 3 fev. 1777. 2 f. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1436001_1448077/mss1437642.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2020. Localização original: Biblioteca Nacional, Coleção Casa dos Contos, I-10,21,001 nº004 – Manuscritos.

⁷ Felipe R. De Oliveira. *Por homens e caminhos: o contrato das entradas e o comércio nas Minas (1762-1769)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

Rodrigues de Macedo, um dos mais destacados contratadores de tributos do Brasil colonial, e que viria a ser dono da maior fortuna da América portuguesa no século XVIII⁸. Vale Amado estabeleceria frutífera rede de negócios com Macedo e quando escreveu a carta era colaborador de sua confiança, como sugere a função desempenhada.

Nas diversas correspondências de prestação de contas presentes na *Coleção Casa dos Contos* é comum identificar, além de relatos técnicos e fiscais redigidos pelos personagens envolvidos, também algumas “conversas de compadre”, isto é, troca de informações de caráter informal que forjavam e reafirmavam alguma intimidade, colaborando para a consolidação de laços de afeto e reciprocidade entre as partes. Expressões abreviadas equivalentes às que aparecem nesta carta, como “*Ds Ge ms as*”, que quer dizer “Deus guarde muitos anos” ou, ainda, “*Amº m^{to} do c. e c^o*”, acrônimo de “*amigo muito do coração e criado*”, eram habituais e cumpriam a função de exprimir cordialidade. Nesta tipologia documental também são usuais as descrições da rotina de trabalho, como a observação feita pelo remetente a respeito da arrecadação referente ao mês de janeiro, considerando “*que nao foi mal p^a o tempo*”, visto que era momento de menor circulação nas estradas em razão da temporada de chuvas na região. Era corriqueira também a narração de alguns episódios de cunho pessoal, como relatos sobre estado de saúde ou felicitações por alguma eventualidade. De modo geral, a correspondência aqui apresentada se enquadra neste perfil, mas também traz informações que extrapolam os contornos descritivos mais comuns a este tipo de registro.

Na ocasião em que prestara contas dos rendimentos aos contratadores, Manuel do Vale Amado já ocupava lugar de autoridade na sociedade colonial. Na carreira militar, havia sido capitão⁹, e era então tenente-coronel do segundo regimento da tropa de auxiliares da comarca do Rio das Mortes. Nesta função detinha a soberania militar da área que se estendia da Mantiqueira até o rio Paraibuna, na fronteira com a capitania do Rio de Janeiro. Tinha 52 anos de idade, havia chegado ao Brasil ainda jovem, tendo migrado do norte de Portugal como muitos

⁸ Vale destacar que pertenceu a João Rodrigues de Macedo o suntuoso imóvel no qual hoje funciona o Museu Casa dos Contos, na cidade de Ouro Preto, local que por muitos anos guardou a documentação que compõe a coleção de mesmo nome. Nesta instituição é possível consultar cópias digitalizadas dos documentos da Coleção Casa dos Contos. Para conhecer melhor a trajetória de Macedo e compreender mais a fundo o que era o regime de contrato ver: Ângelo A. Carrara. “A administração dos contratos da capitania de Minas: o contratador João Rodrigues de Macedo, 1775-1807”. *Revista América Latina en la historia económica*, México, n. 35, jun. 2011, pp. 29-52.

⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Registo Geral de Mercês de D. José I, liv. 22, f. 473.

outros reinóis que para Minas se dirigiram durante a corrida do ouro¹⁰, acompanhando seu primo que fora nomeado para o cargo de juiz de fora da cidade do Rio de Janeiro. Em Vila Rica, havia sido cobrador e avaliador do contrato dos reais dízimos; anos mais tarde, entre 1769 e 1775, se tornaria provedor e administrador do contrato das passagens em Matias Barbosa; em 1777 desempenhava a função de caixa do mesmo registro, então administrado pelo tenente Domingos José Gomes¹¹. Era esta a atribuição que cumpria na escrita da missiva.

Como destaca Júnia Furtado, o índice de alfabetização entre homens de negócio na sociedade colonial era bastante alto em razão da importância da palavra escrita no bom andamento do comércio¹². Aliás, cabe aqui pontuar que esta correspondência apresenta destacado valor quanto à qualidade da expressão textual, indicando o bom domínio da língua portuguesa por parte do autor. Além de notória fluidez no uso das expressões gramaticais, em determinado trecho da carta Vale Amado emprega os termos “essa” (lá, longe de mim) e “esta” (aqui, perto de mim), demonstrando rigor e conhecimento da escrita. Outras fontes que testemunham sua trajetória confirmam que o tenente-coronel possuía certa letracia, pois tinha o hábito de enviar cartas aos seus parentes e amigos que deixara no reino¹³.

Manuel do Vale Amado havia se casado em sua terra natal antes de migrar para o Brasil e, quando julgou estar suficientemente bem estabelecido nas Minas, mandou trazer ao seu encontro sua esposa. Viveu ao lado de dona Rosa Maria do Vale Queiroz nas terras do Caminho Novo, onde tiveram um filho, chamado João José do Vale Amado. Nos anos finais da década de 1770 o casal possuía largas propriedades avaliadas em pouco mais de 18 contos de réis. Suas posses dão clara noção da distinção social do qual desfrutavam: residiam em uma fazenda com casas de sobrado, ranchos, paióis, moinho, “tudo coberto com telha”. Na propriedade rural havia ainda um monjolo,

[...] roda de mandioca e senzalas, tudo coberto de capim, que parte para a parte de [Minas] [...] com a fazenda chamada Medeiros e para a parte do Rio [...] com a fazenda chamada Simão Pereira, tendo para esta

¹⁰ Donald Ramos. “Do Minho a Minas”. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Vol. 44, jan-jun. 2008, pp. 132-153.

¹¹ Felipe R. De Oliveira. *Por homens e caminhos, op. cit.* p. 98.

¹² Júnia Ferreira Furtado. *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e o comércio nas Minas Setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 109.

¹³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, mç. 252, doc. 1645.

parte, uma rocinha com casa e paiol coberto de telha e rancho de capim, com uma légua pela estrada e três de sertão, o que consta de uma sesmaria confirmada por Sua Majestade¹⁴.

Dentre os rebanhos de criação na fazenda constavam gado vacum, cavalos, ovelhas e porcos, tudo administrado pela opulenta força de trabalho de 132 homens e mulheres escravizados. A casa de morada possuía, dentre móveis e apetrechos, “uma mesa de jacarandá torneado com suas gavetas”, “dois espelhos de jacarandá grandes com molduras douradas”, “uma bacia e jarro de prata”, “duas dúzias e meia de pratos finos esmaltados”, “três chocolateiras”, “uma sopeira da Índia”. Pelos bens que usufruíam é possível notar que o casal de reinóis se apresentava à sociedade mineira com luzimento e distinção. Dona Rosa Maria tinha ao seu dispor “um vestido saia com ornato de cetim”, “uma capona de droguete carmesim com bordas de seda”, “seis calças de chita da Índia forradas de baeta branca”, “um laço e brincos com pedras encarnadas em seus diamantes”, “um rosário com seu trancelim de ouro e cruz também cravados em ouro”, “três anéis de topázios amarelos cravados em ouro”, luxuosos bens materiais de acesso restrito às elites.

Como se vê, nesta altura da vida Manuel do Vale Amado já havia construído farto patrimônio e notório poder de mando. No entanto, seria nas décadas seguintes que se consagraria como um dos homens mais poderosos de Minas: em 1779 contrairia segundas núpcias com dona Maria Córdula de Abreu e Melo, bisneta do lendário sertanista paulista Fernão Dias Paes Leme, tendo como padrinho de casamento o governador de Minas, Dom Antônio de Noronha, presente na ocasião; em 1781 seria incumbido de construir uma variante do Caminho Novo passando pela Mantiqueira, e teria como seu encarregado o alferes Joaquim José da Silva Xavier¹⁵; em 1789 receberia em sua fazenda o juiz das devassas da conjuração, que fazia escutas de testemunhas do levante na região¹⁶; em 1790 seria provido familiar do Santo Ofício, sendo um dos últimos agentes nomeados pela Inquisição para atuar em Minas¹⁷; em 1791 se tornaria

¹⁴ IPHAN - Escritório Técnico II (São João del-Rei). R, cx. 428. Inventário *post-mortem* de Rosa Maria do Vale de Queirós (1779). Agradeço a Érica Ferreira que me cedeu a transcrição da descrição de bens deste inventário.

¹⁵ Lucas Figueiredo. *O Tiradentes: uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 87-90.

¹⁶ *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília; Belo Horizonte: Câmara dos Deputados; Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1978. Volume 4.

¹⁷ As diligências de habilitação de Manuel do Vale Amado foram realizadas entre 1784 e 1790, e terminaram divididas em processos diferentes. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, mç. 252, doc.

juiz ordinário da Câmara de São João del-Rei; em 1798, era guarda-mor de Matias Barbosa, mas abriu mão do posto em razão de suas moléstias, sendo substituído por um de seus filhos. Tinha na altura 73 anos de idade e faleceria em 1801, deixando herdeiros que teriam proeminência na sociedade oitocentista.

Retomemos ao momento em que Vale Amado redigira a carta. Em janeiro de 1777, dona Rosa Maria faleceria nos braços do marido. A descrição da morte de sua esposa e a externalização das dores do luto fazem desta correspondência de prestação de contas um documento atípico, em que dados de arrecadação de receita estão presentes, mas acrescidos de informações de natureza íntima e sentimental. Assim, o enredo que se apresenta dimensiona em boa medida como o vigor informativo dos manuscritos da *Coleção Casa dos Contos* permeia mas também transpõe os interesses de estudiosos da história econômica, demográfica e fiscal do Brasil.

Na transcrição do manuscrito optou-se por manter as abreviaturas como no documento original.

Referências

- Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília; Belo Horizonte: Câmara dos Deputados; Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1978. Volume 4.
- BOSCHI, Caio César; MORENO, Carmen; FIGUEIREDO, Luciano. *Inventário da Coleção Casa dos Contos: livros, 1700-1891*. Belo Horizonte: PUC Minas: FAPEMIG, 2006.
- CARRARA, Ângelo A. "A administração dos contratos da capitania de Minas: o contratador João Rodrigues de Macedo, 1775-1807". In: *Revista América Latina en la historia económica*, México, n. 35, pp. 29-52, jun. 2011.
- CARRARA, Ângelo A. *A real fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da coleção Casa dos Contos de Ouro Preto*. Ouro Preto: UFOP, 2003.
- FERREIRA, Érica. "Servir ao Santo Tribunal": trajetórias e atuação dos oficiais da Inquisição no termo de São João del-Rei (século XVIII). Dissertação de mestrado em História: Universidade Federal de São João del-Rei, 2016.

1645 e Habilitações Incompletas, doc. 4705. Para conhecer a rede de agentes da Inquisição em Minas colonial ver: Aldair C. Rodrigues. *Limpos de sangue: familiares do Santo Ofício, Inquisição e sociedade em Minas colonial*. São Paulo: Editora Alameda, 2011. Para conhecer com mais detalhes a trajetória de Vale Amado e sua condição de agente inquisitorial ver: Érica Ferreira. "Servir ao Santo Tribunal": trajetórias e atuação dos oficiais da Inquisição no termo de São João del-Rei (século XVIII). Dissertação de mestrado em História: Universidade Federal de São João del-Rei, 2016.

- FIGUEIREDO, Lucas. *O Tiradentes: uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FIGUEIREDO, Luciano Raposo de A. "Casa dos Contos: potencialidades de pesquisa". In: *Anais do XII Seminário sobre economia mineira - CEDEPLAR*. Diamantina, 2006.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e o comércio nas Minas Setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- OLIVEIRA, Felipe R. de. *Por homens e caminhos: o contrato das entradas e o comércio nas Minas (1762-1769)*. Dissertação de mestrado em História: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.
- RAMOS, Donald. "Do Minho a Minas". In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Vol. 44, pp. 132-153, jan-jun. 2008,.
- RODRIGUES, Aldair C. *Limpos de sangue: familiares do Santo Ofício, Inquisição e sociedade em Minas colonial*. São Paulo: Editora Alameda, 2011.

Recebido em: 5 de junho de 2020.

Aceito em: 28 de julho de 2020.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Coleção Casa dos Contos, I-10,21,001 nº004

[Folha 01]

Snr. [T] Dom^{os} José Gomes

Am^o do coração com ele trespassado de penas e dores vou a presença de v.m^{ce} a fazer-lo certo que no dia 29 do mez pasado foi Deos servido levar p^a. Si m^a. amante espoza ispirando nos meus braços pelas seis oras da manhã, e creyo que N. Snr a tem em bom lugar p^rque a vida foi boa, veja meu am^o em que penas viverei.

O Snr seu primo entendo virá em cam^o e depois de se recolher a essa V^a há de v.m^{ce} ter o encomodo de se recolher a esta sua casa p^r que careso m^o pasar ao Rio das Mortes e essa V^a antes da colheita e ao depois poderá v.m^{ce} fazer o seu regresso com descanso.[sinal público]

O mez findo rendeu 10:110\$951 R, que nao foi mal p^a o tempo. [sinal público]

A conta corr.^{te} e a remesa virá pelo s^r seu primo e não vai agora p^r que o Guarda Mor inda a não pode por pronta.

Estimarei que chegase o Felipe e que se aproveite das recomendacoes que lhe fiz porque se o fizer nao deixará de agradar a v.m^{ce} a quem Ds Ge ms

as com saude e felicidades. Fazenda de N. Snr^a da Conceição do Reg^{to} do
Cam^o Novo a 3 de fevr^o de 1777.

Seu afilhado Costa agradese a v.m^{ce} m^o
as suas l^{ças} e m^o afetuoso se recomenda a
v.m^{ce}.

De v.m^{ce}.
Am^o m^{to} do c. e c^{ro}.
Manoel do Valle Amado

[Folha 01v., em branco]

[Folha 02]

1777 -

Cam^o Novo 3 de fevereiro - V^a R^a 8000 -----

Do Sr Ten^e. Coronel Manoel do Valle Amado. - Respondi a 14 fevr^o